

ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2017 – Estado da Questão



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2017 – Estado da Questão

Textos

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, Andrea Martins
Design gráfico: Flatland Design

Produção: Greca – Artes Gráficas, Lda.
Tiragem: 500 exemplares
Depósito Legal: 433460/17
ISBN: 978-972-9451-71-3

Associação dos Arqueólogos Portugueses
Lisboa, 2017

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Desenho de capa:

Levantamento topográfico de Vila Nova de São Pedro (J. M. Arnaud e J. L. Gonçalves, 1990). O desenho foi retirado do artigo 48 (p. 591).

Patrocinador oficial



Índice

- 15 Editorial
José Morais Arnaud
- 1. Historiografia**
- 19 Arqueólogos Portugueses
Jacinta Bugalhão
- 33 A arqueologia nacional: valores de referência
Gertrudes Branco
- 41 De Chão de Minas (Loures) a Castanheiro do Vento (Vila Nova de Foz Côa):
Breve balanço de um ciclo de vida em estudos Pré-Históricos
Vitor Oliveira Jorge
- 51 A emergência da arqueologia processual em Portugal: a teoria e o método
(1968-2000). Uma introdução
Daniel Carvalho / Mariana Diniz
- 63 Francisco António Rodrigues de Gusmão: a Arqueologia, a Epigrafia e o Património
Pedro Marques
- 75 História das investigações dos hipogeus em Portugal
Cátia Saque Delicado
- 87 «Porque havemos de deixar nas mãos de especialistas estrangeiros perspectivas que
tanto nos dizem respeito?». A colaboração arqueológica internacional no Portugal
dos anos 50-60 do século XX: tradições, inovações e contradições
Ana Cristina Martins
- 2. Estudo e valorização**
- 101 Musealização do sítio arqueológico da Foz do Enxarrique: do projeto à obra feita
Luís Raposo / Mário Benjamim
- 113 Projeto de estudo do património histórico-arqueológico de Vouzela (Viseu):
objetivos e primeiros resultados
Manuel Luís Real / António Faustino Carvalho / Catarina Tente
- 125 Castro de Guifões (Matosinhos) – das primeiras notícias aos resultados
preliminares de um projecto de investigação
Andreia Arezes / José Manuel Varela
- 137 O projeto Castr'uíma (Vila Nova de Gaia, 2010-2015): elementos e reflexões para
um balanço prospetivo
António Manuel S. P. Silva / J. A. Gonçalves Guimarães / Filipe M. S. Pinto / Laura Sousa /
Joana Leite / Paulo Lemos / Pedro Pereira / Maria de Fátima Teixeira
- 155 São Salvador do Mundo – o estado da arte!
André Donas-Botto
- 161 Mértola na Idade do Ferro: primeiros resultados de dois projectos de investigação
Francisco José García Fernández / Pedro Albuquerque / Maria de Fátima Palma
- 171 Estado atual do conhecimento acerca do povoamento em época romana na Amadora
Gisela Encarnação / Vanessa Dias

- 185 Arqueologia urbana no concelho de Loures
Alexandre Varanda
- 195 19 anos de Arqueologia urbana em Machico, Região Autónoma da Madeira
Isabel Paulina Sardinha de Gouveia / Élvio Duarte Martins Sousa

3. Gestão e salvaguarda

- 209 Paisagens e patrimónios no concelho de Loures: reflexões sobre uma experiência de comunicação em arqueologia, património e história local
Florbela Estêvão
- 215 Para além da gestão patrimonial: uma nova relação da arqueologia com o território
Luiz Oosterbeek / Anabela Pereira / Davide Delfino / Elaine Ignácio / Henrique Mourão / Maria Nicoli / Marian Helen Rodrigues / Nelson Almeida / Pierluigi Rosina / Rita Anastácio / Pedro Cura / Sara Cura / Sara Garcês
- 227 A memória como ferramenta de pesquisa e investigação arqueológica
Alexandra Figueiredo / Ricardo Lopes / Sónia Simões / Cláudio Monteiro / Adolfo Silveira
- 237 A apropriação dos vestígios arqueológicos por parte das comunidades modernas e contemporâneas
Alexandra Vieira
- 249 Acompanhamento arqueológico em Lisboa – lei, des(ordem) e procrastinação
Alexandre Sarrazola
- 259 Acompanhamento arqueológico e método. Contributo para o seu enquadramento legal
Iva João Teles Botelho
- 273 Intervenção arqueológica na Avenida dos Aliados, Porto. O Bairro do Laranjal
Luís Filipe Coutinho Gomes / Iva Botelho / João André Perpétuo
- 287 Gestão do património arqueológico em intervenções de minimização e salvaguarda
Leonor Rocha / Gertrudes Branco

4. Pré-História

- 295 O crânio humano Acheulense do Plistocénico médio da Gruta da Aroeira
Joan Daura / Montserrat Sanz / Juan Luis Arsuaga / Rolf Quam / Dirk L. Hoffmann / Maria Cruz Ortega / Elena Santos / Sandra Gómez / Ángel Rubio / Lucia Villaescusa / Pedro Souto / Filipa Rodrigues / João Maurício / Artur Ferreira / Paulo Godinho / Erik Trinkaus / João Zilhão
- 303 Ocupações Pleistocénicas da margem esquerda do Baixo Minho (Miño/Minho 2).
Objetivos e primeiros resultados de um projeto transfronteiriço
João Pedro Cunha-Ribeiro / Sérgio Monteiro-Rodrigues / Alberto Gomes / Eduardo Méndez-Quintas / José Meireles / Alfredo Pérez-González / Manuel Santonja
- 319 Estudo tecnológico de três sítios do Paleolítico médio do centro de Portugal:
Ribeira da Ponte da Pedra, Santa Cita e Lagoa do Bando
Sara Cura / Antonella Pedernana / Pedro Cura / Luiz Oosterbeek / Gabriele Luigi Francesco Berruti / Pedro Peça / Rosa Linda Graziano
- 331 O Paleolítico médio de S. Julião da Barra: a indústria lítica dos depósitos
flúvio-marinhos intervencionados no âmbito da construção do campus
universitário de Carcavelos
João Luís Cardoso / Pedro Peça / Raquel Santos
- 341 As indústrias Paleolíticas do Baixo Guadiana: perspetivas para uma investigação
futura a partir das recolhas de Abel Viana
Luís Gomes / Alexandre Varanda

- 357 A sequência estratigráfica da Lapa dos Coelhoos: funcionalidade e subsistência ao longo do Pleistocénico superior no sopé da Serra de Aire (Portugal)
Cristina Gameiro / Simon Davis / Francisco Almeida
- 375 O início do último máximo glacial no Sul de Portugal: novos dados a partir do sítio arqueológico de Vale Boi
Joana Belmiro / João Cascalheira / Nuno Bicho
- 385 Sobre a definição e interpretação das tecnologias líticas bipolares em contextos pré-históricos
Pedro Horta / João Cascalheira / Nuno Bicho
- 393 Abrigo da Buraca da Moira, Leiria: resultados preliminares do projeto Ecoplis
David Nora / Joana Pereira / Patrícia Monteiro / Eduardo Paixão / Sandra Assis / Marina Évora / Carlos Duarte / João Marreiros / Vânia Carvalho / Trenton Holliday / Telmo Pereira
- 403 Existe Azilense em Portugal? Novos dados sobre o tardiglacial e o pré-boreal no Vale do Côa
Thierry Aubry / Cristina Gameiro / André Santos / Luís Luís
- 419 Reconstruir atividades humanas e formação de contextos conquíferos: microfácies sedimentares do Cabeço da Amoreira (Muge) e das Poças de São Bento (Sado) e o seu potencial interpretativo nos padrões de comportamento humano no Mesolítico
Carlos Duarte / Ana M. Costa / Vera Aldeias
- 433 Líticos em contexto – tecno-tipologia e distribuição espacial no concheiro mesolítico de Poças de S. Bento (Alcácer do Sal)
Diana Nukushina / Mariana Diniz / Pablo Arias
- 447 Arqueotematologia e coleções museológicas: estratégias e desafios para o estudo das práticas funerárias do passado
Rita Peyroteo-Stjerna
- 461 Fossas, fornos ou silos? O contributo do Barranco da Horta do Almada 1 (Beja) para a definição cronológica e funcional das estruturas negativas Mesolíticas e Neolíticas
Ana Rosa / Mariana Diniz
- 467 Para uma periodização da Pré-História recente do Norte de Portugal: da segunda metade do 4^o milénio aos finais do 3^o milénio aC
Susana Soares Lopes / Ana M. S. Bettencourt
- 489 A gestão do sílex durante o Neolítico médio da Moita do Ourives (Benavente, Portugal)
Henrique Matias / César Neves
- 505 Tumulações da Pré-História recente do Centro/Norte litoral: o caso das Mamoas do Taco (Albergaria-a-Velha)
Pedro Sobral de Carvalho
- 519 Anta da Casa da Moura: um monumento megalítico no maciço calcário de Sicó
Fernando Silva / António Monteiro / Gertrudes Branco / Leonor Rocha
- 529 A arqueologia aérea: métodos e técnicas para a observação de dólmenes. O caso de Mora e Arraiolos
Arielle Câmara / Leonor Rocha / Teresa Batista
- 541 Intervenção arqueológica no projecto de “Recuperação e valorização da Anta do Carrascal” (Aigualva, Sintra)
Patrícia Jordão / Pedro Mendes / Cláudia Relvado
- 557 O uso do crânio em rituais da Pré-História
Carlos Didelet

- 563 Novos dados sobre as ocupações Neolíticas do centro de Lisboa
Helena Reis / Tiago do Pereiro / Nelson Cabaço / Rui Ramos / António Valera
- 575 As galerias de mineração de sílex de Campolide e o seu contexto Europeu.
Comparações e análise
Eva Leitão / Carlos Didelet / Guilherme Cardoso
- 581 O povoamento Neolítico em Avis: uma análise preliminar dos dados
disponíveis
Ana Cristina Ribeiro
- 591 Vila Nova de São Pedro (Azambuja), no 3º milénio, um sítio Calcolítico
no ocidente peninsular – contributos para um debate
Mariana Diniz / Andrea Martins / César Neves / José Morais Arnaud
- 605 A ocupação humana do III milénio a.C. do Cabeço da Ervideira (Alcobaça)
João Pedro Vicente Tereso / Rita Gaspar / Cláudia Oliveira
- 619 O conjunto de pedra lascada da Ota: questões tecnológicas e socioeconómicas
Ana Catarina Basílio / André Texugo Lopes
- 631 “TO com cachet”: as eventuais cabanas subterrâneas do recinto de fossos
do Porto Torrão
Filipa Rodrigues
- 647 Potes para os mortos: ritual funerário e tecnologia cerâmica em contexto megalítico
Nuno Inácio
- 661 Os componentes de tear no Castelo de Pavia
Liliana Teles / Leonor Rocha
- 671 Reflexão acerca dos cossoiros e da fiação nos contextos calcolíticos do Sudoeste
da Península Ibérica, partindo do sítio de São Pedro (Redondo)
Catarina Costeira
- 687 Broken Arrow: as pontas de seta dos povoados de São Pedro (Redondo,
Alentejo central)
Rui Mataloto / Diana Nukushina / Catarina Costeira
- 705 A pedra lascada nos *tholoi* do baixo Alentejo interior: notas preliminares
de casos de estudo
Ricardo Russo / Ana Catarina Sousa
- 723 Exploração de recursos aquáticos no final do Neolítico e Calcolítico: breve
revisão do registo faunístico
Sónia Gabriel / Cláudia Costa
- 741 Contributos para o conhecimento da componente animal dos recintos
de fossos calcolíticos. A fauna vertebrada de Montoito 2
Cláudia Costa / Rui Mataloto
- 753 Entre vales e escarpas. Estudo da fauna recuperada na Lapa da Mouração
(Porto de Mós, Leiria)
Ana Beatriz Santos / Cátia Saque Delicado
- 765 Reconstrução paleoambiental da margem Norte do rio Tejo através da análise
multiproxy de sedimentos recolhidos em contexto de obra com achados
arqueológicos
Ana M. Costa / M^ª. Conceição Freitas / Vera Lopes / César Andrade / Jacinta Bugalhão /
Pedro Barros
- 781 Análise preliminar dos padrões de localização das grutas com arqueologia
do centro e Sul de Portugal
João Varela / Nuno Bicho / Célia Gonçalves / João Cascalheira

5. Proto-História

- 795 Contextos e práticas funerárias da Idade do Bronze na bacia hidrográfica do rio Ave (Noroeste de Portugal)
Hugo Aluai Sampaio
- 809 A necrópole da Idade do Bronze do Corvilho (Santo Tirso): novos dados para a sua contextualização cronológica
Hugo Aluai Sampaio
- 819 Povoado de São Lourenço. Novos dados. Castro Daire, Viseu (CNS 5114)
Vitor Manuel da Silva Dias
- 833 O enterramento da Idade do Bronze da Gruta das Redondas (Carvalhal de Aljubarrota): um contributo para o estudo do Bronze antigo na Estremadura atlântica
João Carlos Senna-Martinez / Elsa Luís / Rita Matos / Pedro Valério / Maria de Fátima Araújo / João Tereso / Isabel Costeira
- 849 O sítio de fossas da Horta do Cabral 6. Contribuição para o conhecimento da Idade do Bronze na região do Torrão (Alcácer do Sal, Portugal)
Henrique Matias / Marco António Andrade / Cláudia Costa / Hugo Aluai Sampaio / Inês Simão / António Monge Soares / Rui Monge Soares / Patrícia Monteiro
- 865 Estudo paleoetnobotânico do Crasto de Palheiros na Idade do Ferro – uma análise carpológica
Margarida Isabel Leite / João Pedro Tereso / Maria de Jesus Sanches
- 877 A comparação como ferramenta de estudo de processos de representação e interação: o caso de “Tartessos”
Pedro Albuquerque
- 887 Produções cerâmicas de inspiração grega no vale do baixo Tejo
Elisa de Sousa / João Pimenta
- 897 O metal de base cobre dos objectos de uso pessoal em sepulturas da I Idade do Ferro do Monte Bolor 1-2 (Beja)
Pedro Valério / Maria Fátima Araújo / António M. Monge Soares / Rui Soares / Lídia Baptista
- 907 A Azougada (Moura) e o sistema metrológico da Idade do Ferro pós-orientalizante do baixo e médio Guadiana
Ana Sofia Antunes
- 929 Os ossos trabalhados do Castro da Azougada (Moura, Portugal)
Mariana Nabais / Rui Soares
- 943 Janelas abertas sobre a Idade do Ferro: os queimadores de Mesas do Castelinho (Almodôvar)
Susana Estrela
- 955 O sítio arqueológico do Espigão das Ruivas (Cascais)
José d’Encarnação / Guilherme Cardoso

6. Arte Rupestre

- 969 E depois do Côa? A investigação de arte rupestre em Portugal desde 1995. Parte 1: a Sul do Tejo
Andrea Martins
- 991 Isto não é um afloramento! É uma rocha de arte rupestre. . . factores potenciais de escolha de superfícies de arte rupestre na fase antiga Paleolítica da Arte do Côa.
António Batarda Fernandes

- 1003 A arte rupestre da Gruta do Escoural – novos dados analíticos sobre a pintura Paleolítica
António C. Silva / Guilhem Mauran / Tânia Rosado / José Mirão / António Candeias / Carlos Carpetudo / Ana Teresa Caldeira
- 1021 A arte megalítica da Mamoa 1 do Taco (Albergaria-a-Velha, Aveiro).
Novos resultados
Lara Bacelar Alves / Pedro Sobral de Carvalho
- 1037 O Monte Faro – uma paisagem icónica da arte Atlântica Peninsular
Lara Bacelar Alves / Mário Reis
- 1053 Gravuras rupestres do Noroeste Português para além das artes Atlântica e Esquemática
Ana M. S. Bettencourt
- 1069 O conjunto de gravuras rupestres de Santo Adrião (Caminha, Portugal).
Embarcações, armas, cavalos e ex-votos
Manuel Santos-Estévez / Ana M. S. Bettencourt
- 1085 Uma abordagem “multi-proxy” aplicada à conservação do sítio de arte rupestre de Cobragança, Mação, Portugal
Sara Garcês / Hugo Gomes / Vera Moleiro / Hugo Pires / Flávio Joaquim / Anabela Pereira / Luiz Oosterbeek

7. Antiguidade Clássica e Tardia

- 1099 O projecto de investigação sobre a ocupação humana em torno da Aldeia de Pegarinhos (Alijó) – em busca das origens da romanização do Douro
Tony Silvino / Pedro Pereira
- 1109 O *corpus* dos mosaicos romanos do *conventus bracaravgvstanvs*
Fátima Abraços / Licínia Wrench / Cátia Mourão / Filomena Limão / Jorge Tomás García
- 1123 Vestígios de transformação de produtos no concelho de Castelo de Vide (Portalegre, Portugal) – inseridos no povoamento rural romano
Sílvia Monteiro Ricardo
- 1137 Novos dados sobre a ocupação de época Romana Republicana da necrópole do Olival do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal): o espólio metálico
Francisco B. Gomes
- 1149 Reflexões em torno da jazida arqueológica Torre Velha 1 e a sua relação com o espaço e dinâmicas ocupacionais envolventes
Teresa Ricou Nunes da Ponte
- 1163 A ocupação Romana do Monte dos Toirais, Montemor-o-Novo. Um exemplo de arqueologia preventiva no contexto dos finais dos anos 90 (séc. XX)
Jorge Vilhena / Carolina Grilo
- 1177 A actuação votiva dos grupos de origem servil no Sul da Lusitânia
Sílvia Teixeira
- 1185 Ataegina uma Divindade Peninsular
Cristina Lopes
- 1193 Espólio de cerâmicas finas romanas e separadores dos fornos do Morraçal da Ajuda (Peniche, Portugal)
Eurico Sepúlveda / Guilherme Cardoso / Catarina Bolila / Severino Rodrigues / Inês Ribeiro
- 1205 As «marcas de oleiro» na *terra sigillata* de Vale de Tijolos (Almeirim) e as dinâmicas comerciais no *ager scallabitanvs* durante o principado
Rodrigo Banha da Silva / João Pimenta / Henrique Mendes

- 1219 Evidências de um espaço funerário. Vestígios de uma necrópole romana às portas de Scallabis
Carlos Boavida / Tânia Manuel Casimiro / Telmo Silva
- 1229 *¿Requiescat in pace?* Abordagem transdisciplinar a possíveis casos de enterramentos atípicos identificados na necrópole Noroeste de Olisipo
Sílvia Casimiro / Francisca Alves Cardoso / Rodrigo Banha da Silva / Sandra Assis
- 1243 O espaço de necrópole Romana das Portas de Santo Antão, Lisboa
Nelson Cabaço / Alexandre Sarrazola / Rodrigo Banha da Silva / Liliana Matias de Carvalho / Marina Lourenço
- 1255 Pintura mural na Travessa do Ferragial, Lisboa
Raquel Henriques / António Valongo
- 1265 Aspetos construtivos do Teatro Romano de Lisboa: matérias-primas e técnicas edificativas
Lídia Fernandes
- 1279 Um contexto cerâmico e vítreo da primeira metade do séc. III d.C. do Palácio dos Condes de Penafiel (Lisboa)
Raquel Guimarães / Rodrigo Banha da Silva
- 1293 Contextos Romanos identificados na frente ribeirinha de Lisboa
Helena Pinheiro / Raquel Santos / Paulo Rebelo
- 1305 As ânforas Romanas da nova sede da EDP (Lisboa)
José Carlos Quaresma / Rodrigo Banha da Silva / José Bettencourt / Cristóvão Fonseca / Alexandre Sarrazola / Rui Carvalho
- 1317 As ânforas de tipo *la Orden* na Lusitânia meridional: primeira leitura, importância e significado
Rui Roberto de Almeida / Carlos Fabião / Catarina Viegas
- 1331 Combustível para um forno: dinâmicas de ocupação de um espaço em Monte Mozinho (Penafiel) a partir de novos dados arqueobotânicos
Filipe Costa Vaz / Luís Seabra / João Pedro Tereso / Teresa Pires de Carvalho
- 1347 A necrópole de Alcoitão no contexto das práticas funerárias alto-Medievais do concelho de Cascais
Catarina Meira
- 1359 Paisagem e estratégias do povoamento rural Romano e Medieval no troço médio do vale do Guadiana
João António Ferreira Marques
- 1379 Mértola na Antiguidade Tardia. A topografia histórica
Virgílio Lopes

8. Época Medieval

- 1393 Evolução da estrutura urbana de Santarém entre os séculos VIII e XIII: uma análise macroscópica a partir da localização das necrópoles Islâmicas
Marco Liberato / Helena Santos
- 1405 O povoamento rural Islâmico na *kura* de Alcácer do Sal: breve análise da toponímia
Marta Isabel Caetano Leitão
- 1417 Manifestações lúdicas na cerâmica do *gharb al-Andalus*
Maria José Gonçalves / Susana Gómez Martínez / Jaquelina Covaneiro / Isabel Cristina Fernandes / Ana Sofia Gomes / Isabel Inácio / Marco Liberato / Constança dos Santos / Jacinta Bugalhão / Helena Catarino / Sandra Cavaco / Catarina Coelho

- 1431 Estuques decorados Islâmicos, do século XI, do castelo de Silves
Rosa Varela Gomes
- 1443 O sistema defensivo Medieval de Tavira – elementos ocultos por entre o casario
Jaquelina Covaneiro / Sandra Cavaco / Fernando Santos / Liliana Nunes
- 1455 A Porta de Almedina (Coimbra): observações no âmbito da recuperação
de fachadas na Torre de Almedina
Sara Oliveira Almeida
- 1469 A minha boca conta uma história: abrasão dentária e a sua relação com
actividade e hábitos pessoais numa amostra Portuguesa de época Medieval/
Moderna
Liliana Matias de Carvalho / Sofia N. Wasterlain
- 1481 Estudo arqueobotânico do povoado alto-Medieval de S. Gens: perspetivas
sobre a exploração de recursos lenhosos e agrícolas
Cláudia Oliveira / Ana Jesus / Catarina Tente / João Pedro Tereso
- 1495 Adornos de cavalo da época Medieval, provenientes das escavações do Castelo
de Almourol (1898)
Maria Antónia Athayde Amaral
- 1513 As marcas de canteiro da Sé de Lisboa
Sofia Silvério
- 1523 O comércio Medieval de cerâmicas importadas em Lisboa: o caso da Rua
das Pedras Negras nº 21-28
Filipe Oliveira / Rodrigo Banha da Silva / André Bargão / Sara Ferreira
- 1539 Construções em taipa de época Medieval e Moderna: o exemplo do Chiado
Vanessa Mata / Nuno Neto / Paulo Rebelo
- 1551 Rua do Arsenal 148, Lisboa. Resultados da escavação arqueológica
António Valongo
- 1567 Caracterização da ocupação Tardomedieval na Rua da Prata 221-231 e Rua
dos Correiros 158-168, Lisboa
Filipe Oliveira / João Miguez / Catarina Furtado / Cláudia Costa
- 1581 Breve apontamento sobre a Cerca (“velha”) Medieval de Lagos
Ana Gonçalves / Elena Mórán / Ricardo Costeira da Silva
- 1595 Aveiro em Quatrocentos: evidências materiais de um período (ainda) pouco
conhecido junto ao Mosteiro de Jesus (Aveiro, Portugal)
Ricardo Costeira da Silva / Sónia Filipe / Paulo Morgado
- 1611 Resultados da intervenção arqueológica realizada nos nºs 54 a 58a da Rua
Direita, em Óbidos
Helena Santos / Marco Liberato / Romão Ramos

9. Época Moderna e Contemporânea

- 1627 A cozinha e a mesa a bordo da fragata Portuguesa Santo António de Taná
(Mombaça, 1697): estudo de objectos metálicos e em madeira
Inês Pinto Coelho / Patrícia Carvalho / André Teixeira
- 1641 Resultados preliminares da primeira campanha da missão arqueológica
Portuguesa em Sharjah (EAU). Escavação arqueológica em Quelba/Kalba
Mário Varela Gomes / Rosa Varela Gomes / Rui Carita / Kamyar Daryoush Kamyab
- 1657 Novos dados acerca das formas de pão-de-açúcar: o caso do estudo das formas
descobertas na Rua Afonso de Albuquerque, Peniche (centro de Portugal)
Adriano Constantino

- 1667 A ala nascente do claustro do Convento de Jesus de Setúbal: resultados da intervenção arqueológica de 2015/2016
Nathalie Antunes-Ferreira / Maria João Cândido
- 1675 Os bens terrenos da Igreja da Misericórdia (Almada) – séculos (XVI-XVIII)
Vanessa Dias / Tânia Manuel Casimiro / Joana Gonçalves
- 1691 Cerâmicas Quinhentistas vidradas de um poço Medieval da Praça da Figueira (Lisboa)
Ana Isabel Barradas / Rodrigo Banha da Silva
- 1703 O sítio dos Lagares (Lisboa): um espaço pluricultu(r)al
Mónica Ponce / Filipe Oliveira / Tiago Nunes / Marina Pinto / Marina Lourenço
- 1715 Uma olaria na Rua das Portas de Santo Antão (Lisboa) – séculos XV e XVI
Guilherme Cardoso / Luísa Batalha / Paulo Rebelo / Miguel Rocha / Nuno Neto / Sara Brito
- 1731 Evidências de produção oleira nos séculos XVI e XVII no Largo das Olarias, Mouraria (Lisboa)
Anabela Castro / Nuno Amaral de Paula / Joana Bento Torres / Tiago Curado / André Teixeira
- 1751 Os silos do Palácio de Santa Helena (Lisboa)
Luísa Batalha / Nuno Neto / Pedro Peça / Sara Brito / Guilherme Cardoso
- 1767 Estruturas Pré-Pombalinas e espólio associado no Pátio José Pedreira (Rua do Recolhimento e Beco do Leão, freguesia Santa Maria Maior)
Anabela Joaquinoto
- 1781 Policromias e padrões: azulejos “de aresta” e “de corda-seca” do Palácio dos Condes de Penafiel, Lisboa (séculos XV-XVI)
André Bargão / Sara Ferreira / Rodrigo Banha da Silva
- 1795 O contexto do poço do claustro SO do Hospital Real de Todos-os-Santos: os contentores para líquidos
Rita Neves Silva / Rodrigo Banha da Silva
- 1809 A cerâmica Italiana dos séculos XV e XVI do Largo do Jogo da Bola em Carnide, Lisboa
Catarina Felício / Filipe Sousa / Raquel Guimarães / André Gadanho
- 1821 Dos objectos inúteis, perdidos ou esquecidos. Os artefactos metálicos do Largo do Coreto (Carnide, Lisboa)
Carlos Boavida
- 1835 Uma lixeira nas Casas Nobres do Infantado
Tânia Manuel Casimiro / António Valongo
- 1849 Os potes *martaban* provenientes da antiga Ribeira Velha, Lisboa
Mariana Mateus / Inês Simão / Filipe Oliveira / Rita Souta
- 1863 Cerâmica Portuguesa azul sobre azul – séculos XVI e XVII
Luís Filipe Vieira Ferreira / Isabel Ferreira Machado / Tânia Manuel Casimiro
- 1873 Portas de madeira reutilizadas em cofragens de época Pombalina (Campo das Cebolas, Lisboa)
Cristóvão Fonseca / João Miguez / José Bettencourt / Teresa Quilhó / Inês Simão / Mariana Mateus / Teresa Freitas
- 1891 O conjunto de selos de chumbo proveniente do Campo das Cebolas, Lisboa
Inês Simão / João Miguez
- 1901 Da Ribeira Velha ao Campo das Cebolas. Alguns dados sobre a evolução da frente ribeirinha de Lisboa
Inês Simão / João Miguez / Marta Macedo / Teresa Alves de Freitas / Cristóvão Fonseca / José Bettencourt

- 1915 A dimensão marítima do Boqueirão do Duro (Santos, Lisboa) nos séculos XVIII e XIX: primeiros resultados arqueológicos
Marta Lacasta Macedo / Inês Mendes da Silva / Gonçalo Correia Lopes / José Bettencourt
- 1925 Arqueotematologia Moderna/Contemporânea: práticas funerárias e cronologia relativa no adro da Igreja de Santa Maria dos Anjos, Valença
Luís Miguel Marado / Luís Fontes / Francisco Andrade / Belisa Pereira
- 1933 Fragmentos do quotidiano no Terreiro do Real monumento de Mafra (1717-2017)
Ana Catarina Sousa / Marta Miranda / Ricardo Russo / Cleia Detry / Tânia Manuel Casimiro
- 1953 O projecto Muge 1692: entre a arqueologia da arquitectura e a reconstrução virtual
Gonçalo Lopes
- 1967 A flora arqueológica da Quinta do Medal (Mogadouro) e a exploração de recursos vegetais durante os séculos XVIII/XIX no Vale do Sabor
Leonardo da Fonte / João Tereso / Paulo Dordio Gomes / Francisco Raimundo / Susana Carvalho
- 1979 Os vidros de Baía da Horta 1 (Ilha do Faial, Açores) enquanto vector de interpretação de um contexto disperso
Tiago Silva / José Bettencourt
- 1993 Baía da Horta 6 (BH-006): um provável naufrágio Americano do século XIX
José Bettencourt / Teresa Quilhó / Cristóvão Fonseca / Tiago Silva
- 2011 A ferro e fogo – a Fundação Vulcano & Collares, Lisboa
João Luís Sequeira / Inês Mendes da Silva
- 2023 Projecto Casa Museu Fialho de Almeida, Cuba – valorização do território e arqueologia preventiva, resultados do acompanhamento arqueológico
Francisca Bicho / Luís Fialho / Consuelo Gomes / Teresa Ricou

A CERÂMICA ITALIANA DOS SÉCULOS XV E XVI DO LARGO DO JOGO DA BOLA EM CARNIDE, LISBOA

Catarina Felício¹, Filipe Sousa², Raquel Guimarães³, André Gadanho⁴

RESUMO

A intervenção arqueológica no Largo do Jogo da Bola, Carnide, realizada entre os anos de 1994 e 1998, permitiu detectar seis silos de cronologia Medieval, escavados no substrato rochoso, revelando um considerável conjunto de materiais cerâmicos e vítreos, dos séculos XV e XVI.

De entre o espólio exumado, surgem produções da área de Lisboa, cerâmica comum e faiança; bem como exemplares importados como porcelana e cerâmica espanhola e italiana.

O conjunto que aqui apresentamos compreende exemplares das chamadas Majólica e cerâmica *Graffita* que, apesar de não ser muito significativo em termos quantitativos, apresenta contributos para o estudo da difusão e extensão do comércio que as Cidades Italianas mantinham com o Reino de Portugal e, no caso, Lisboa.

Palavras-chave: Carnide, Comércio Itália, Séculos XV e XVI, Majólica, *Graffita*.

ABSTRACT

The archaeological intervention in Largo do Jogo da Bola, Carnide, took place between 1994 and 1998. As a result six Medieval silos, dug in the argillaceous soil, were identified, revealing a considerable amount of ceramic and glass objects, dating from the 15th and 16th centuries.

The set included objects produced in the Lisbon area, common ware and faience; as well as imported items such as porcelain and Spanish and Italian ceramics.

The artefactual ensemble we here present comprises individuals of the so called *Maiolica* and *Graffita* that, notwithstanding its scarce numbers, can be of use to the study of the trading maintained between the Italian Cities and the Kingdom of Portugal and, in this particular case, Lisbon.

Keywords: Carnide, Italian Trade, 15th and 16th centuries, *Maiolica*, *Graffita*.

1. INTRODUÇÃO

A intervenção realizada no actual Largo do Jogo da Bola, CNS 1257, no centro histórico de Carnide, hoje pertencente ao Município de Lisboa, deu -se no seguimento de uma denúncia efectuada por um morador de Carnide, a 7 de Novembro de 1993 (Diogo e Vital, 1998, p.49). Este alertava para o facto de as obras de saneamento público que decorriam naquele local terem encontrado, e parcialmente destruído, estruturas arqueológicas. Com efeito,

foi realizada, pela então equipa do Gabinete Técnico do Teatro Romano de Lisboa, uma intervenção de emergência com vista a salvaguardar os achados, tendo sido detectado na área NW do largo um silo escavado no substrato rochoso, no caso rocha argilosa (*ibidem*, p.49), cuja boca tinha sido destruída pela obra, e feitas várias recolhas de superfície.

Assim, a equipa realizou o acompanhamento arqueológico do restante da obra de arranjo urbanístico, que terminou a 3 de Fevereiro de 1994. Entre 1994 e 1998 procedeu-se à escavação do sítio, tendo sido identificados cinco outros silos em forma de saco,

1. FCSH – UNL; kate.felicio@hotmail.com

2. FCSH – UNL; filipe.alb.sousa@gmail.com

3. FCSH – UNL; ras.guimaraes95@gmail.com

4. FCSH – UNL; andre_gadanho@hotmail.com

idênticos ao primeiro, com uma dimensão média de 2,20m de altura e 2m de largura máxima, perfazendo um total de seis silos dispostos em duas fiadas irregulares orientadas a Oeste/Este (*ibidem*, p.49). Quanto ao estado de conservação, os silos apresentavam três situações distintas: Aqueles que haviam conservado a tampa mas que esta tinha sido violada pelo movimento de terras das obras de saneamento; Aqueles que conservavam uma tampa, no caso uma laje calcária, desde o seu momento de abandono e que se encontravam praticamente vazios; E aqueles que não tinham conservado tampa, tendo sido entulhados em algum momento após o seu abandono (*ibidem*, p.49).

Dos materiais constantes do interior dos silos entulhados, destacam-se os restos de fauna, elementos metálicos, fragmentos vítreos, numismas, peças de cerâmica comum, faiança, porcelana chinesa e cerâmicas de importação espanhola e italiana, nomeadamente um conjunto de fragmentos de majólica italiana e também um pequeno conjunto de cerâmica graffita que nos propomos analisar.

2. ENQUADRAMENTO

Remontam ao século XII as referências escritas referentes à história de Carnide, as quais são unânimes na sua referência a uma zona povoada por herdades agrícolas, grandes propriedades de senhores abastados nos quais se inclui a família real, e por casas conventuais (Caessa, Mota, 2014, p.86). O surgimento de uma verdadeira povoação apenas terá ocorrido em meados do século XIII (Caessa, Mota, 2013, p.1028), e encontra-se intimamente relacionado com um documento datado de 1259, referido como “Foral de Carnide” (Caessa, Mota, 2014, p.86-87). É neste século que, de acordo com este documento, se procede à organização religiosa e administrativa que origina o desenvolvimento da povoação, contribuindo para este efeito o Mosteiro de S. Vicente de Fora que parcela parte do seu território localizado em Carnide destinando-o ao povoamento (Frias, 1994, p.22) e à criação da paróquia (Caessa, Mota, 2014, p.86-87). Remontam ao início do século XIV as referências a uma igreja dedicada a São Lourenço e respectivo cemitério, bem como a uma fonte, “covas” (de pão), um “roció” e uma pequena ermida, dedicada ao Espírito Santo, também com respectivo cemitério,

localizada no “Alto do Poço”, actual Largo do Coreto, uma gafaria e um poço. No século seguinte, Carnide transformara-se num local de descanso para a família real e de outros elementos da corte (Caessa, Mota, 2013, p.1028), que para lá iam a fim de recuperar de campanhas militares (Frias, 1994, p.22), indicando a existência de casas nobres na povoação (Caessa, Mota, 2013, p.1028). A permanência destes nobres em Carnide estará certamente relacionada com existência de um culto muito ligado à expansão ultramarina, o da N.^ª Sr.^ª da Luz, que motivou a criação da Confraria da N.^ª Sr.^ª da Luz em 1463, da qual fazia parte o próprio rei D. Afonso V. A constituição da Confraria foi motivada pela construção de uma pequena ermida sobre a Fonte da Machada, cujas águas tinham propriedades curativas para a visão (Frias, 1994, p.24), a ermida da N.^ª Sr.^ª da Luz. Talvez por se tratar da conversão de um culto pré-existente, o do Espírito Santo, que desde cedo atraiu muitos peregrinos, a instituição deste novo culto levou a um incremento no número de devotos e consequentemente de peregrinos (Diogo, Vital, 1998, p.51).

Já no século XVI, D. João III argumenta junto do Papa a necessidade de se fundar um mosteiro para ocorrer aos peregrinos que se dirigiam à ermida de N.^ª Sr.^ª da Luz, pedido que apenas teve a sua aprovação em 1555. Após esta aprovação Carnide viu-se beneficiada com construções promovidas pela família real inclusive novos espaços de habitação da coroa, tendo estas construções sido, novamente, acompanhadas pelo interesse de alguma nobreza se instalar no local levando a reformas na ocupação do sítio, que poderão ter levado à desactivação e posterior entulhamento das ditas “covas de pão” ou silos (Diogo, Vital, 1998, p.52).

As intervenções arqueológicas realizadas no âmbito do Projecto de Requalificação Urbanística e Paisagística do Largo do Coreto, desenvolvido entre 2012 e 2013, permitiram identificar 172 silos, dos quais os 6 silos identificados no Largo do Jogo da Bola fazem parte. O conjunto encontra-se disperso por uma grande área, com uma disposição aparentemente aleatória, levando a supor que o espaço, seria, durante a Idade Média um grande terreiro de silos que, pelo menos a partir do início do século XIV, confinava com a ermida do Espírito Santo, sita no “Alto do Poço” e seu cemitério (Caessa, Mota, 2014, p.94).

3. O CONTEXTO DE EXCAVAÇÃO

Os silos encontravam-se ocultos por uma camada de sedimento bem como por uma árvore situada entre os silos 1 e 4, enquadrando o local na área ajardinada do largo. A camada sedimentar, de pouca potência, continha alguns materiais cerâmicos, do mesmo período do entulhamento dos silos. Verificaram-se também materiais de séculos posteriores, séculos XVIII e XIX, embora em muito menor quantidade. Após a remoção desta camada não se verificou, em toda a área de circunscrição dos silos, qualquer vestígio de estrutura edificada levando-nos a supor que o contexto pouco se terá alterado nos anos seguintes após a sua formação, salientando o facto de os silos 1, 2 e 8 ainda possuírem a tampa de pedra calcária. Com efeito, a superfície cuja cota se encontrava ao nível da boca dos silos, encontrava-se com abundância de materiais de cronologia Moderna que, como se pode verificar mais tarde, era consistente com os materiais do interior dos silos. A escavação dos silos realizou-se por camadas enquadrando-as em fases, sendo estas últimas nomeadas segundo o seu número e orientação geográfica, Norte ou Sul.

A primeira análise da dispersão dos materiais revelou homogeneidade na deposição dos mesmos no interior dos silos. No entanto, no decorrer da análise dos materiais, ainda em curso, foram identificadas colagens em fragmentos que, para além de serem provenientes de silos diferentes, situados a uma distância considerável, pelo menos num caso, são também provenientes de unidades estratigráficas diferentes. Este distanciamento sugere que a deposição dos materiais terá sido efectuada num único momento podendo, portanto, tratar-se de uma deposição secundária. Por outro lado a grande fragmentação observada nos materiais analisados até ao momento, os esmaltados e vidrados bem como as majólicas, é bastante elevada sendo que as peças, por vezes, resumem-se a um único fragmento. O cenário da deposição secundária tornase assim mais credível se considerarmos a possibilidade de os fragmentos que constituíam parte destas peças se terem perdido durante o transporte para os silos ou terão ficado no local de deposição original.

4. A MAJÓLICA ITALIANA

O conjunto de majólica que aqui apresentamos é composto por dezoito indivíduos, não se registan-

do nenhum exemplar completo. A maioria das peças é representada por um único fragmento, tendo-se verificado colagens em apenas cinco indivíduos. O conjunto consiste, quase na sua totalidade, em peças de utilização de mesa, apresentando parca variedade morfológica sendo a maioria dos exemplares pratos, dezassete em dezoito, e a restante de morfologia fechada. Esta consiste num pequeno jarro, ou pote, forma denunciada pela curvatura pronunciada do fragmento.

Os exemplares representados são consistentes com outros exemplos de contextos portugueses como o Porto (Sousa, 2012, p. 263), Lisboa (Gonzalez, 2012, p.847-854), Sesimbra (Vieira, 2011, p.676), Setúbal (Almeida, 2013, p. 1157) e Silves (Gomes e Gomes, 1987, p.478), apresentando proveniências homólogas. A grande maioria dos exemplares encontrados enquadra-se em produções da Toscana, contando apenas com um exemplar atribuível à Umbria.

4.1. Toscana

Após a conquista de Pisa no ano de 1406, Firenze garantiu uma conexão marítima segura, elevando a cidade ao estatuto de principal centro mercantil e político da Toscana, facilitando o acesso às principais rotas. Os principais centros produtores de cerâmica da sua envolvente, conhecida como Valdarno, Bacchereto, Montelupo, Cafaggiolo e própria cidade de Firenze, onde têm vindo a ser identificados diversos fornos (Caroscio, 2009) beneficiaram dessa mesma conexão, levando a uma enorme difusão dos seus produtos.

4.1.1. Montelupo

Montelupo afirmou-se como o principal centro produtor de Valdarno, podendo ser considerado um verdadeiro *quartiere industriale di Firenze*, auxiliado em muito pela sua posição estratégica nas margens do Arno, tendo atingido o seu período de maior sucesso e produção entre 1480 a 1540, adquirindo a sua produção um carácter standardizado e produção em série (Carta, 2008 pág. 131-136; Caroscio, 2009). As peças encontradas, reflectem esse mesmo carácter, uma vez que a sua decoração é composta por motivos relativamente simples e iguais a muitos dos seus paralelos, fruto dessa mesma produção em

massa, destinada a um consumo em larga escala, por ventura associado à classe média-alta.

Do centro produtor de Montelupo temos 16 fragmentos que correspondem a 14 indivíduos, todos eles pratos. Temos, em primeiro lugar, um fragmento de fundo, em disco, cuja inclinação do arranque da parede, sugere tratar-se de um prato fechado e fundo (LJB 5510), (Est. I, fig. 1), com características morfológicas que podemos atribuir à forma *a cappello*, que consiste num prato fundo, semelhante a uma tijela, com uma aba larga (Exposição permanente Museo Montelupo, 2017, Vitrine 12, N.6). Este apresenta decoração em *blu graffito*, no fundo da peça, apresentando junto ao arranque da parede uma faixa laranja, seguida do que aparenta ser também uma faixa azul com decoração grafitada a branco sobre a mesma, possivelmente uma espiral. A cronologia de produção, com base na decoração e forma, enquadra-se entre 1510 e 1530 (Museo Montelupo, 2017, V.17), (Fiorilla, 2012, p. 127), (Carta, 2008, p. 135). Também com a forma *a cappello* destaca-se um indivíduo com perfil bem conservado, do qual resta quase toda a parede do prato, bem como o arranque da aba (Est. I, fig. 14). Possui um revestimento de esmalte branco sobre o qual se encontra somente um elemento decorativo a *nodo orientale*, cujas características, não evoluídas, indica estarmos perante uma peça da primeira metade do século XVI (Carta, 2008, p. 708), (Fiorilla, 2012, p.127).

O indivíduo com o número de inventário LJB 2567 (Est. I, fig. 2) consiste num fragmento de aba de um prato, possivelmente também do tipo *a cappello*. Apresenta decoração do tipo *ovali e rombi*, denunciada pela identificação de um losango laranja contornado por linhas azuis, com um motivo vegetalista na intersecção dos elementos ovais. Uma outra peça LJB 2698 consiste num fragmento de bordo de um prato, possivelmente aberto, cujo esmalte apresenta bastantes lacunas. Não obstante o seu estado de conservação, a sua decoração pode ser identificada também como *ovali e rombi*, devido à presença de pequenos elementos decorativos característicos que permitem a sua identificação. Peças com este motivo decorativo foram produzidas entre 1490 e 1520, a julgar pelos paralelos existentes em Itália (Fiorilla, 2012, p.126), (Museo Montelupo, 2017, V.12, N. 6 a 12), (Carta, 2008, p.135).

Outros dois indivíduos (LJB 2941 e LJB 2843) (Est. I, fig. 5 e 6) apresentam decoração do tipo *palmetta persiana*, típica das produções de Montelupo com

cronologias desde o século XV até meados do XVI, estando tipicamente presente em formas abertas (Carta, 2008, p.135). Possuem bons paralelos nos contextos de descarte de produção de Montelupo, com cronologia de 1490 a 1515 (Museo Montelupo, 2017, V.11, N.5, 6, 7, 12 e 13). Estes constituem dois fragmentos de parede que interpretamos como sendo dois pratos abertos, pela espessura e curvatura dos fragmentos, sendo individuáveis devido a diferenças na cor do esmalte e estilo da pintura.

Estão também atestados outros dois fragmentos de pratos cuja morfologia interpretamos como sendo aberta. O primeiro (LJB 1286) (Est. I, fig. 10) consiste num fragmento de fundo, em disco, com decoração a *fiore centrale*, que conserva uma porção de parede na qual se pode identificar a decoração *a nastri spezzati*. O segundo (LJB 2337), representa um pequeno fragmento de parede que (Est. I, fig. 3), apesar das reduzidas dimensões, também interpretamos como tendo decoração *nastri spezzati*. Estas produções situam-se cronologicamente entre 1480 e 1520 (Fiorilla, 2012, p.128), (Museo Montelupo, 2017, V.14, N.1, 2, 3, 6), podendo chegar aos meados do século XVI (Carta, 2008, p.138).

Um outro indivíduo (LJB 204), consiste num fragmento de fundo, de forma onfalada ainda com arranque de parede, cuja inclinação indica estarmos na presença de um prato fechado e fundo, do tipo *a cappello*. Este apresenta, também, uma decoração a *fiore centrale* (Est. I, fig. 12), cuja cronologia de produção é contemporânea das peças a *nastri spezzati e ovali e rombi*, uma vez que constituem, na maioria dos casos o motivo decorativo central destas peças (Carta, 2008, p.708).

Um outro fragmento de fundo, em disco, de um prato apresenta um motivo *fiore centrale* mas estilizado (LJB 2628), cujo estado de conservação e dimensões do fragmento, de início não permitiu precisar. Através da reconstituição de como seria a decoração da parte central da peça, a partir do espelhamento dos elementos decorativos que conserva obteve-se uma estrela de oito pontas, constituída por dois quadrados sobrepostos, um deles com uma rotação de 45° (Est. I, fig. 8). Deste modo foi possível estabelecer paralelos nos contextos de descartes de forno de Montelupo, nomeadamente do contexto do “Pozzo dei Lavatoi”, com uma cronologia de produção de 1510 – 1520 (Museo Montelupo, 2017, V.17, N.6 e 7, V.4, N.3), constituindo os únicos paralelos publicados para esta peça.

Ainda de mais difícil identificação foi um pequeno fragmento (LJB 2869) (Est. I, fig. 4) de aba de um prato cuja análise dos poucos elementos decorativos permitiram uma identificação com o motivo *armi e trofei*, com paralelos também apenas nos contextos de produção de Montelupo e com uma cronologia situada entre 1500 e 1515 (Museo Montelupo, 2017, V.14, N.7, 8, 9, 10, 11).

A este conjunto interessam ainda 3 indivíduos (LJB 1066, 1111, 2847), (Est. I, fig. 9, 7 e 13) que, pela análise do esmalte e da forma, também atribuímos às oficinas de Montelupo, não sendo possível, no entanto, classificá-los em relação às suas tipologias decorativas devido à sua fragmentação ou à falta de elementos característicos de tipologias em concreto. É de referir ainda a existência de um grafito, um A gótico, no reverso de uma peça (LJB 1066), podendo este ser uma marca de oleiro ou do proprietário.

4.1.2. Área de Firenze

Do conjunto de peças toscanas constam também duas peças, com decoração no estilo “italo-mourisco”, cuja produção não pôde ser precisada, uma vez que as suas características decorativas são comuns aos diversos centros do Valdarno, em particular no intervalo entre 1430 e 1470, numa tentativa de reproduzir a decoração das populares produções de Valencia (Berti, 2002, p. 133; Carta, 2008, p. 134). A primeira (Est. I, fig. 15) consiste num prato que conserva cerca de metade do seu fundo, em forma de disco, e uma pequena parcela da parede. A pasta é bem depurada e homogénea de aspecto compacto e com coloração bege. O esmalte apresenta cor branca. O centro apresenta decoração “*a stemma*” (Carta, 2008, p.135). Esta consiste num brasão de armas com escudo de tipo “*bucraneo*” (Bascapé e Del Piazzo, 1999, p.125 e 166), forma característica aplicada à heráldica de finais do século XV, também denominada “*testa di cavallo*” (Berti, 2002, p. 111), que pretende representar a peça de armadura colocada na testa de um cavalo (Bascapé e Del Piazzo, 1999, p.125 e 166). O escudo ostenta uma cruz azul e branca sobre um fundo amarelo cuja simbologia não foi possível identificar. Em torno do escudo serpenteiam umas linhas em óxido de manganês que aparentam ser uma representação estilizada de uma fita que provavelmente daria um nó na base do escudo, tal como pode ser observado em peças com decoração idêntica (British Museum, 2). A parede mostra uma decoração em “*hoja de perejil*”, também denominada

“*foglia di prezzemolo*,” pertencente ao estilo “*italo-mourisco*” (Berti, 2002, p. 133), nas cores azul, amarelo e manganês.

A outra peça (Est. I, fig. 11) consiste num fragmento de parede que, pela sua curvatura pronunciada sugere pertencer a um pequeno “*Boccale*” (jarro) ou a um “*albarello*” (pote). A pasta é bem depurada, homogénea e com coloração bege. A dimensão do fragmento apenas permite observar uma decoração “*hoja de perejil*” nas cores azul, amarelo e manganês.

O intervalo cronológico proposto para estas peças, com base em paralelos similares, situa-se, normalmente, na segunda metade do século XV, (Rasmussen, 1989, p. 134; Berti, 2002, p.133 a 141).

4.2. Umbria

4.2.1. Deruta

Do centro produtor de Deruta, localização na região da Umbria, existe apenas um indivíduo que consiste num fragmento de bordo de prato (Est. II, fig. 16). Este apresenta-se oblíquo, cujo lábio termina num pequeno ressalto ou aresta, tendo ainda uma pequena parcela de parede preservada. A superfície interior é esmaltada a branco enquanto a exterior possui esmalte de cor melada cuja aplicação terá sido menos rigorosa a avaliar pelas lacunas existentes. A transição do bordo para a parede é realizada de forma acentuada mas com aresta suave, denunciando um corpo fundo, característica típica dos pratos tipo *a capello* deste centro produtor. O diâmetro do prato é de 28,5cm. A pasta é homogénea e compacta, tendo uma coloração bege rosada.

A decoração, apenas existente na área interior do bordo, mostra um motivo “*a embricazione*” nas cores azul, amarelo e laranja, datável do início do século XVI (Carta, 2003, p.44), (Verrochio, 2011, p.140-141), (Gomes e Gomes, 1987, p. 479). Esta decoração será, provavelmente, secundária, tal como é característico nestas produções de Deruta do século XVI, sendo o tema decorativo principal colocado ao centro da peça (Carta, 2008, p. 149). Os temas representados eram morais, religiosos, históricos ou alegóricos (Carta, 2008, p. 152). Encontra paralelos em Granada (Carta, 2003, p.123), em L’Aquila (Verrochio, 2011, p.140-141) e Silves (Gomes e Gomes, 1987, p. 479 e 483).

5. A CERÂMICA ENGOBADA GRAFFITA

A produção deste tipo de cerâmica iniciou-se em Itália por volta dos finais do século XII/primeira me-

tade do século XIII, por influência de importações vindas da área bizantina no Mediterrâneo (Bonazzi, 2012 p. 141; Grassi, 2007, p. 254), nomeadamente com a introdução de uma tipologia conhecida como *Zeuxippus Ware* (Berti e Gelichi, 1997, p. 87). As primeiras produções italianas deram-se em Savona, com a produção da chamada *Graffita Arcaica Tirrenica*; e Venezia, de onde provém a denominada *Graffita Arcaica Padana* (Bonazzi, 2012 p. 141). Estas peças são caracterizadas pela sua particular manufactura que consiste na aplicação de um engobe branco pérola sobre a pasta, referido por Sano di Gerardo Borghesi, um oleiro de Pisa activo entre 1437 e 1478, como «*terra bianca*» (Carta, 2008, p. 120) e pela decoração que, tal como o nome indica, é gravada sobre o engobe. A denominação *Graffita* corresponde a um termo contemporâneo, ausente das fontes coevas. No caso específico de Ferrara, surgem em fontes dos séculos XV e XVI menções a «*scodelle, piattini e boccali intagliati*», «*maioliche bianche*» e «*mezzemaioliche*» (Bonazzi, 2012, p. 10).

As pastas, bem depuradas, possuem cores que variam desde o bege rosado ao vermelho. Porém, o seu estudo poderá não ser relevante em alguns casos, uma vez que segundo um documento Ligure de 1684, existiriam importações de “*terra di Piza*” (Carta, 2008, p. 124), indicando circulação e comércio de argilas.

Sobre a superfície engobada são grafitados/gravados motivos decorativos com recurso a um estilete ou espátula (Sabrosa, 2008, pág. 137). Posteriormente é executada uma decoração com óxidos coloridos e sobre estes é aplicada uma camada de vidrado incolor que reveste a peça e lhe confere impermeabilidade e um acabamento uniforme (Sabrosa, 2008, pág. 137; Carta, 2008, p. 123).

Na *graffita*, surgem essencialmente formas utilitárias, de mesa, tais como taças de forma semi-hemisférica (*ciotole*), de todas a mais frequente, os pratos de fundo baixo (*piatti-bacile*), as bacias ou taças grandes (*bacini* ou *catini*) e as escudelas, existindo também algumas formas mais raras, como as canecas (*boccali*) que surgem apenas no último quartel do século XV e que se difundiram sobretudo nas zonas de Modena e Ferrara (Cesaretti, 2012, pág. 153; Giorgio, 2013, p. 91).

No período Baixo-Medieval, entre os séculos XV e XVI, surge a chamada cerâmica *graffita* tardia (*Graffita Tarda*) ou renascentista (*Rinascimentale*). Esta produção conhece uma enorme difusão na zona se-

tentrional de Itália, em centros da Emilia Romagna, como Ferrara, Bologna e Padova (Barone, 2013, p. 141) e caracteriza-se por uma decoração policroma mais complexa e com representação de motivos geométricos, vegetalistas, zoomórficos, antropomórficos ou heráldicos (Grassi, 2007, p. 254), bem como um crescer e diversificar de cenas religiosas, fruto da grande popularidade deste tipo de cerâmica na comunidade religiosa, em torno do qual girava a grande parte do seu mercado (Cesaretti, 2012, p. 151).

Conforme a variedade de óxidos empregues e a técnica de gravação utilizada, as peças podem ser classificadas como *Ingobbiata Graffita Monocroma*, na qual o óxido colorido utilizado cobre a totalidade da superfície da peça, dos quais as cores mais comuns são o castanho (*marrone*), o amarelo acastanhado (*giallo-bruno*) e o verde, podendo, no entanto, surgir ainda peças sem emprego de óxidos, que não apresentam nenhuma decoração à parte dos motivos gravados (*graffite incolori*) (Barone, 2013, p. 133-139; Berti, 1993, p. 194; Carta, 2008, p. 123); como *Graffita a Ramina e Ferraccia*, na qual são utilizados os tons de verde cobre (*ramina*) e amarelo ferrugem (*ferraccia*) que tanto podem preencher os elementos e figuras decorativas da peça como apresentar-se escurridos sobre a peça sem respeitar os motivos nela empregues (Barone, 2013, p. 140); ou ainda como *Graffita Policroma*, na qual, além dos referidos amarelo *ferraccia* e verde *ramina*, são ainda utilizados, de forma semelhante, os óxidos dos tons de azul de cobalto (*blu di cobalto*) e violeta de manganês (*viola-manganese*) (Barone, 2013, pág. 163), esta última muito característica de regiões comercialmente ligadas à região do Veneto, como Ravenna, Imola ou Mantova (Cesaretti, 2012, p. 155).

A caracterização das peças é ainda feita com recurso à análise da técnica de execução da decoração gravada, que permite distinguir não só cronologias mas também centros de produção conforme o estilo empregue (Berti, 1993). Existem três técnicas de execução de *Graffita*: a técnica de *Graffita a Punta*, na qual é utilizado um estilete fino que grava traços que definem os motivos representados; a técnica de *Graffita a Stecca*, na qual é utilizada uma espátula, mais ou menos larga, para retirar porções do engobe, criando efeitos de contraste com as zonas de “re-corte” no engobe que mostram a pasta subjacente ao mesmo; e a técnica de *Graffita a Fondo Ribassato* na qual, embora seja utilizado um estilete fino, é criado efeito semelhante à técnica de *Stecca* ao “preen-

cher” os motivos retirando o engobe com o estilete. Os motivos, embora semelhantes aos da *Graffita a Stecca* deixam, no entanto, denotar qual o instrumento empregue, devido à precisão de alguns detalhes. Esta técnica deixa ainda, por vezes, vestígios das sucessivas passagens do estilete na própria pasta, particularidade característica deste tipo de peças (Berti, 1993, p. 189-199).

No caso específico de Pisa, é possível identificar as produções de *Stecca* com base num movimento em S característico da espátula, que produz desenhos mais finos nas extremidades e mais largos a meio. Dependendo do centro produtor, as técnicas tiveram também uma utilização mais ou menos prolongada, como é o exemplo da técnica de *Fondo Ribassato*, que em Ferrara tende a registar um abandono gradual, com o aproximar dos finais do século XV (Cesaretti, 2012, p. 149), mas que se manteve em uso em Pisa desde o século XVI à primeira metade do século XVII (Berti, 1993, p. 200).

Apesar de partilharem muitas das características essenciais deste tipo de cerâmica, os diferentes centros produtores apresentam, contudo, tendências decorativas distintas entre si, o que permite identificar pelo menos a região de produção das peças através da comparação dos estilos decorativos e do maior uso de motivos geométricos (*nastri spezzati* ou *treccie*) aliados a elementos zoomórficos, mais comuns na Emilia Romagna, ou um uso predominante de motivos vegetalistas e florais, de cariz mais ondulado e redondo, mais frequentes na Toscana (vide Ghelichi, Sauro (a cura di) (1993) – *Alla fine della Graffita – Ceramiche e Centri di Produzione nell’Italia settentrionale tra XVI e XVII secolo*. All’Insegna del Giglio. Firenze).

5.1. Os exemplares do Largo do Jogo da Bola

Quanto aos exemplares de que nos ocupamos, estes consistem em duas peças de pasta vermelha alaranjada, bem depurada e bastante compacta sendo compostas por um e três fragmentos, respectivamente. A primeira peça (Est. III, fig. 17), encontrada na camada 13 do Silo 7, consiste num fragmento de fundo com pé anelar com 7,3cm de diâmetro e engobe de cor branca apenas na face interna da peça. A decoração aplicada é executada com a técnica de *Graffita a Punta*, com uma espessura de traço de 1 mm, e preenchimento dos motivos com vidrado amarelo *ferraccia*. A decoração empregue aparenta o uso do motivo de *nastro spezzato* ou de *treccia* (trança), que

atravessa o fundo da peça; e de uma representação de cabelo ou pêlo, que poderá corresponder a motivo antropomórfico ou zoomórfico, que encontra paralelos em contextos de produção na zona de Ferrara (Bonazzi, 2012, p. 378, fig. 75; Cesaretti, 2012, p. 405). No entanto o estado de conservação não permite determinar com maior certeza qual a natureza do motivo empregue (antropomórfico ou zoomórfico). Quanto à forma, apesar de bastante fragmentada, acreditamos que se trate de uma taça aberta ou prato.

A segunda peça (Est.III, fig. 18), composta por três fragmentos, encontrados na mesma camada 13 do Silo 7 e na camada superficial que cobria os silos, consiste numa taça semi-hemisférica (*ciotola*) com 14,3cm de diâmetro e 7,8cm de altura, com bordo sub-vertical de secção semi-circular e com pé anelar de 6,7cm de diâmetro. Esta forma encontra um estreito paralelo em peças recuperadas na escavação de um contexto de descarte de produção de dois fornos cerâmicos em San Giovanni in Persiceto, na região de Bologna, datados da primeira metade do século XVI (Gelichi e Curina, 1993, p. 91, fig. 16, nº 2), e em peças encontradas na Piazza Municipio em Ferrara (Cesaretti, 2012, Tav. II.9 fig. 2). Ambas as superfícies, interna e externa apresentam engobe de cor branca e decoração *Graffita a Punta in Ramina e Ferraccia*, com uma espessura de traço de 1 mm. A superfície externa da peça encontra-se decorada, na parte superior, com um friso de *nastro spezzato*, que circunda o bordo, com uma linha paralela ao friso sob este, e com vidrados escorridos de amarelo *ferraccia* e verde *ramina*, que atravessam a peça na oblíqua, desde o bordo em direcção ao fundo, não respeitando a lógica do motivo empregue. O friso de *nastro spezzato* encontra paralelos em peças das já citadas escavações de Bologna (Gelichi e Curina, 1993, p. 91, fig. 16, nº 2) e em peças de escavações em Ferrara (Cesaretti, 2012, pág. 415). Na superfície interna da peça, em redor do bordo, é possível identificar linhas oblíquas (*linee oblique parallele*) com paralelo em peças de Ferrara (Cesaretti, 2012 pág. 396). Como decoração principal é utilizada uma faixa de *nastro spezzato*, que atravessa o centro da peça e, em volta desta, o motivo de *embricature* ou *embricazzioni*.

Com base nos paralelos que temos referido, atribuímos ambas as peças a produções da zona da Emilia

Romagna, provavelmente da zona entre Ferrara e Bologna, onde é característico o uso de elementos do bordo de cariz mais geométrico, como é o caso dos elementos descritos, aliados a motivos zoomórficos centrais.

Quanto à datação, em ambos os casos, tanto os aspectos morfológicos como decorativos se enquadram no repertório da *Graffita Rinascimentale*, com uma cronologia situada na transição dos séculos XV/XVI, não devendo nenhum ultrapassar a metade do século XVI.

Como referido, a produção de cerâmica engobada encontra-se bem atestada na área da Emilia Romagna desde o século XIII. De facto, a *Graffita* representa um importante papel na manufactura oleira Ferrarese deste período, correspondendo à maioria da produção engobada (Munarini, 2000), tendo a descoberta de fornos cerâmicos em Argenta, na área de Ferrara, e em San Giovanni in Persiceto, a partir do início dos anos 90, vindo a revelar a importância desta produção na região (Ghelichi e Curina, 1993). Em Ferrara, a produção cerâmica gozava do apoio, e controlo, da família D'Este, que detinha a propriedade dos fornos, alugando-os aos mestres, retirando avultados rendimentos por meio de impostos sobre a produção (Bonazzi, 2012, p. 57-63)

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

6.1. Dados para a interpretação do contexto escavado e da paisagem tardo-medieval de Carnide

A questão da desactivação dos silos de Carnide e seu posterior entulhamento, permanece em aberto, uma vez que a presente análise incidiu apenas sobre uma ínfima parte do espólio dos seis silos encontrados no Largo do Jogo da Bola, cujo contexto deve ser analisado em integração com a totalidade de silos identificados no local, bem como o seu espólio, de forma a compreender a diacronia e características do entulhamento.

Relativamente aos aqui abordados, a existência de silos ainda vazios e com tampa sugere que algum tempo já teria decorrido desde o seu abandono, encontrando-se, alguns deles, provavelmente já cobertos por uma camada de sedimento e portanto ocultos, durante o período em que os restantes foram entulhados.

A análise da deposição dos materiais revelou um contexto bastante homogéneo do ponto de vista cronológico. Os materiais aqui tratados situam-se, sem

excepção, entre os finais do século XV e o primeiro quartel do século XVI. Uma análise preliminar aos outros materiais, não presentes neste estudo, concorre para uma conclusão idêntica, levando a crer que, pelo menos na zona dos silos aqui tratados o período de entulhamento terá sido curto.

Levanta-se ainda a questão de se os silos terão sido entulhados num único momento, questão de relevância para a compreensão do motivo que terá levado à colmatação dos mesmos.

A concorrer para esta possibilidade está a dispersão de alguns fragmentos de uma mesma peça, no caso a pequena taça hemisférica de *graffita*, que permitiram colagens, não obstante o facto de se terem encontrado um na camada 13 do silo 7 e outro no nível de circulação contemporâneo ao entulhamento dos silos a uma distância de cerca de 3 metros da boca do silo onde o outro fragmento foi encontrado. Também a dar suporte a esta possibilidade está o estado fragmentário das peças bem como a quase inexistência de colagens entre os fragmentos, que no caso da majólica a correspondência entre fragmentos e indivíduos é praticamente 1/1. Estes dados sugerem estarmos perante um contexto de deposição secundária, onde lixos domésticos provenientes de uma lixeira local, presumivelmente não muito longe, terão sido utilizados para colmatar os silos. Uma colmatação lenta, ao longo de anos ou décadas, de lixos domésticas provenientes do povoado, não parece ser o caso. O motivo para a deslocação dos lixos para o interior dos silos não pode, por enquanto ser precisado. A necessidade de deslocalizar lixeiras domésticas que já se estariam a tornar incómodas, para um local onde menos interferisse com a salubridade do povoado poderá ser uma razão, bem como a necessidade de colmatar os silos por motivos urbanísticos, provavelmente relacionados com as reformas levadas a cabo por D. João III (1521-1557), em Carnide, cuja cronologia encaixa no contexto aqui apresentado, se bem que, segundo os dados estratigráficos não existiu nenhuma construção no Largo do Jogo da Bola, pelo menos directamente sobre os silos aqui analisados.

As peças italianas aqui tratadas, representam um consumo local das famílias abastadas provavelmente ligadas à nobreza e a actividades mercantis, que se sabe terem detido propriedades na zona, cuja posição na sociedade lhes permitia acesso económico à aquisição destas peças. Este contexto socioeconómico de Carnide, dos finais do século XV e primeiro

quartel do XVI é merecedor de um estudo da identificação das famílias nobres que lá possuíam propriedades. A identificação de um motivo heráldico num prato de majólica, neste contexto, poderá estar relacionada com esta realidade, não obstante ainda não ter sido possível a sua identificação. A utilização de um escudo tipicamente italiano não invalida, porém, que este pertença a uma família portuguesa que tenha encomendado a peça, situação não inédita que encontra paralelo numa peça, atribuída a Montelupo, decorada com o brasão real português, encontrada em Lisboa, que, apesar de fragmentado, atesta um escudo enquadrável no referido tipo *testa de cavallo*, patente na passada exposição *Lisboa 1415 Ceuta* (Teixeira *et al.*, coord. 2015).

6.2. A cerâmica no quadro das relações entre Portugal e as Cidades Italianas

O presente contexto revelou uma franca predominância de peças de origem toscana, característica comum a diversos outros pontos da área de Lisboa e não só, como referimos anteriormente. Esta ocorrência encontra explicação não só no importante papel que a cerâmica representava no quadro das exportações e actividades comerciais florentinas, cuja pujança é incontornável, mas também pelo papel que Lisboa representava nesse mesmo quadro comercial. De facto, desde finais do século XIV, que o Reino de Portugal se encontrava na encruzilhada da rota comercial entre a Flandres e Itália, tornando Lisboa num ponto de paragem obrigatório, atraindo diversos mercadores e banqueiros italianos para a cidade, de entre os quais se verificava uma maioria florentina (Bruscoli, 2015 p. 126). Entre os séculos XV e XVI, cronologia de especial relevo para o presente trabalho, a relação entre Portugal e Firenze adquire contornos de extrema importância: desde mercadores florentinos envolvidos nas actividades portuguesas no Oriente a expedições realizadas com fundos provenientes de empréstimos de bancos dessa cidade, o interesse que Firenze demonstrava na nova Carreira comercial que se abria era evidente, e expectável (Bruscoli, 2013 e 2016 pág. 232). De facto, a análise da correspondência privada de muitos italianos radicados em Portugal, bem como de mercadores nas suas cidades de origem, revelam o enorme interesse que as Cidades Italianas tinham pelos eventos que se desenrolavam no extremo Ocidente da Europa, bem como nos produtos que daí chegavam (Bruscoli, 2016).

Outra das regiões representadas no contexto de Carnide é a Emilia Romagna. Na cronologia em estudo, o já mencionado papel da Família D'Este na produção cerâmica deixa entrever que esta teria também algo a dizer, ou ganhar, no que à sua exportação dizia respeito. À semelhança das suas congéneres, a família Ducal demonstrava um grande interesse pelos produtos do Oriente, sendo várias as referências a porcelanas encomendadas de Portugal, surgindo uma interessante referência a «*duo vasi di terra sigillata portoghese*» constantes do inventário dos bens de Ercole II D'Este, datado de 1559 (Bonazzi, 2012 pág. 19), que poderão corresponder às peças de cerâmica «sigillata» de Extremoz, com ampla distribuição em Portugal, mencionadas pelo italiano Andrea Metrà, no seu tratado sobre comércio, publicado em 1794 (Metrà, 1794 p. 251). Assim, afigura-se pertinente interrogarmo-nos se, dado o carácter relativamente comum da cerâmica *Graffita* em Itália, sendo característica de espaços conventuais, esta poderá representar uma ocorrência secundária, derivada da importação ferrarese de bens comercializados por Portugal e não de bens valiosos encomendados por famílias portuguesas.

O mesmo poderá ser o caso das peças florentinas, cujo carácter standardizado, salvo as excepções heráldicas mencionadas, poderá denotar um valor comercial menor. O caso torna-se mais interessante se considerarmos que parte das importações de Firenze da Flandres e Norte da Europa correspondiam justamente a óxidos e ingredientes para a decoração da cerâmica e que as produções florentinas também se encontram atestadas nesses locais (Caroscio, pág. 41 -48).

Assim, não negando o carácter de algum prestígio que as peças, claramente, detinham, é interessante considera-las num quadro comercial mais complexo com várias relações de interdependência e cargas secundárias de rotas destinadas a produtos não só do Norte da Europa como também comercializados pelo próprio Reino de Portugal.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Mariana Brito (2013) – As cerâmicas de importação do Convento de Jesus de Setúbal: Majólicas Italianas e Porcelanas Chinesas, In *Arqueologia em Portugal 150 Anos*, Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 1155-1162.

BARONE, Anna Maria (2013) – *La Ceramica Vercellese dalla Torre dell'Angelo*. Edizioni del Gruppo Archeologico Vercellese. Vercelli.

BASCAPÈ, Giacomo C. e DEL PIAZZO, Marcello (1999) – *Insegne e simboli. Araldica pubblica e privata, medievale e*

- moderna, Roma, Ministero per i beni e le attività culturali – Ufficio centrale per i beni archivistici.
- BERTI, Fausto (2002) – *Capolavori della maiolica rinascimentale, Montelupo “fabbrica di Firenze 1400-1630*, Aedo editore, Montelupo Fiorentino.
- BERTI, Graziella (1993) – “Le Produzioni Graffite in Toscana fra XVI e XVII secolo”. In GELICHI, Sauro (a cura di) – *Alla fine della Graffita – Ceramiche e Centri di Produzione nell’Italia settentrionale tra XVI e XVII secolo*. All’Insegna del Giglio. Firenze. pp. 187-205.
- BERTI, Graziella; GELICHI, Sauro (1997) – “Zeuxippus Ware in Italy”. In MAGUIRE, Henry (Ed.). *Materials Analysis of Byzantine Pottery*. Dumbarton Oaks. Washington D.C. pp. 85-104.
- BONAZZI, Lucia (2012) – *Origine e sviluppi del collezionismo di Ceramica Graffita Ferrarese*. Tese de Doutoramento. Università degli studi di Ferrara. Ferrara.
- BRUSCOLI, Francesco Guidi (2013) – “Bartolomeo Marchionni: Um Mercador-Banqueiro Florentino Em Lisboa (Séculos XV-XVI)”. In *Le nove son tanto e tante buone, che dir non se pò – Lisboa dos Italianos: História e Arte (sécs. XIV-XVIII)*. Cátedra de Estudos Sefarditas «Alberto Benveniste» da Universidade de Lisboa. Lisboa. pp. 39-60.
- BRUSCOLI, Francesco Guidi (2015) – “I mercanti italiani, Lisbona e l’Atlantico (XV-XVI secolo)”. In *Diplomacia y Comercio en la Europa Atlántica Medieval*. Instituto de Estudios Riojanos. Logroño. pp. 125-146.
- BRUSCOLI, Francesco Guidi (2016) – “A carreira da Índia nos arquivos italianos”. In *Memórias 2015*. Vol. XLV. Academia de Marinha. Lisboa. pp. 229-242.
- CAESSA, Ana; MOTA, Nuno (2013) – “Redescobrimo a História de Carnide: a Intervenção Arqueológica no Largo do Coreto e Envolvente”, In *Arqueologia em Portugal – 150 Anos*, Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 1025-1032.
- CAESSA, Ana; MOTA, Nuno (2014) – “O Núcleo Histórico de Carnide: O contributo da investigação arqueológica”, In *Quadros da História de Lisboa*. Academia Portuguesa da História e Junta de Freguesia de Carnide, pp. 84-104.
- CAROSCIO, Marta (2009) – *La maiolica in Toscana tra Medioevo e Rinascimento. Il rapporto fra centri di produzione e di consumo nel periodo di transizione*. All’Insegna del Giglio. Firenze.
- CARTA, Raffaella (2008) – *Difusión e Influencia de la Producción de la Cerámica Italiana entre la Baja Edad Media y la Primera Edad Moderna: El Caso de Granada*. Tese de Doutoramento. Universidad de Granada – Facultad de Filosofía y Letras. Granada.
- CESARETTI, Giacomo (2012) – *Nuovi dati per una storia della Ceramica Graffita Tardomedievale a Ferrara – Materiali dalla US1050 di Piazza Municipio e dalla collezione Carife*. Tese de Doutoramento. Università degli studi di Ferrara. Ferrara.
- DIOGO, António M. Dias; VITAL, Nestor F. (1998) – “Estudo das Moedas encontradas nos Silos do Largo do Jogo da Bola, em Carnide, Lisboa”. In *Olisipo*. Lisboa. 2ª série, vol.6, pp. 49-52.
- DORDIO, Paulo; TEIXEIRA, R.; SÁ, A. (2001) – “Faianças do Porto e Gaia: O recente contributo da arqueologia”, In *O Itinerário da faiança do Porto e Gaia*, Lisboa, Instituto Português dos Museus, pp. 117-166.
- FIORILLA, Salvina (2012) – “Milazzo – Manufatti da una discarica del castello (II parte)”. In *Archivio Storico Messinese*. nº 93. Messina, pp. 111-179.
- GELICHI, Sauro; CURINA, Renata (1993) – “Forni per la ceramica da San Giovanni in Persiceto – Bologna”. In GELICHI, Sauro (a cura di) – *Alla fine della Graffita – Ceramiche e Centri di Produzione nell’Italia settentrionale tra XVI e XVII secolo*. All’Insegna del Giglio. Firenze. pp. 69-116.
- GIORGIO, Marcella (2013) – “Ceramica pisana tra XV e XVI secolo: gli scarti ceramici e d’uso di Villa Quercioli”. In ALBERTI, Antonio; GIORGIO, Marcella (a cura di) – *VASAI E VASELLAME A PISA TRA CINQUE E SEICENTO: La produzione di cerâmica attraverso fonti scritte e archeologiche*. Società Storica Pisana. Pisa. pp. 79-141.
- GOMES, Mário Varela; GOMES, Rosa Varela (1987) – “Cerâmicas vidradas e esmaltadas dos séculos XIV-XVI do Poço-Cisterna de Silves”, In *A Cerâmica Medieval no Mediterrâneo Ocidental*, Campo Arqueológico de Mértola.
- GRASSI, Francesca (2007) – “Il Bassomedioevo: X-XIV secolo”. In *Introduzione allo studio della ceramica in Archeologia*. Siena. pp. 251-262.
- METRÀ, Andrea (1794) - Il mentore perfetto de Negozianti. ovvero guida sicurade Medesimi, ed istruzione, per rendere ad essi più agevoli, e meno incerte le loro speculazioni. Tomo IV. Presso Wage, Fleis e comp. Trieste.
- MUNARINI, Michelangelo (2000) – “Ceramiche rinascimentali e tardo rinascimentali da ricerche di superficie tra Canal Bianco e Po”. In *Quaderni di Archeologia del Polesine*. Vol. I. Gruppo Archeologico di Villadose.
- RASMUSSEN, Jorg (1989) – *Italian Majolica in the Robert Lehman Collection*, The Metropolitan Museum of Art, New York, in association with Princeton University Press, Princeton.
- SABROSA, Armando (2008) – “As Faianças da Casa Côrte Real, Largo do Corpo Santo, Lisboa”. In DIOGO, João Manuel (coord.) – *Actas das 4ªs Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval*. Câmara Municipal de Tondela. Tondela. pp. 109-142.
- TEIXEIRA, André; VILLADA PAREDES; Fernando, SILVA, Rodrigo Banha da (coord.) (2015) – *Lisboa 1415 Ceuta: historia de dos ciudades/história de duas cidades*. Catálogo da exposição. Ciudad Autónoma de Ceuta / Consejería de Educación y Cultura Câmara Municipal de Lisboa / Direção Municipal de Cultura / Departamento de Património Cultural. Lisboa/Ceuta.

VERROCHIO, Van (2011) – “I rinvenimenti de ceramiche medieval e postmedievali”, In *San Domenico all’Aquila, Il Restauro Del Complesso Monumentale*, Carsa Edizioni.

VIEIRA, Ana Isabel (2011) – “Cerâmicas dos séculos XIV a XVI do Castelo de Sesimbra”, In *O Arqueólogo Português*, Série V, 1, pp. 657-687.

ESTAMPA I MAJÓLICA TOSCANA

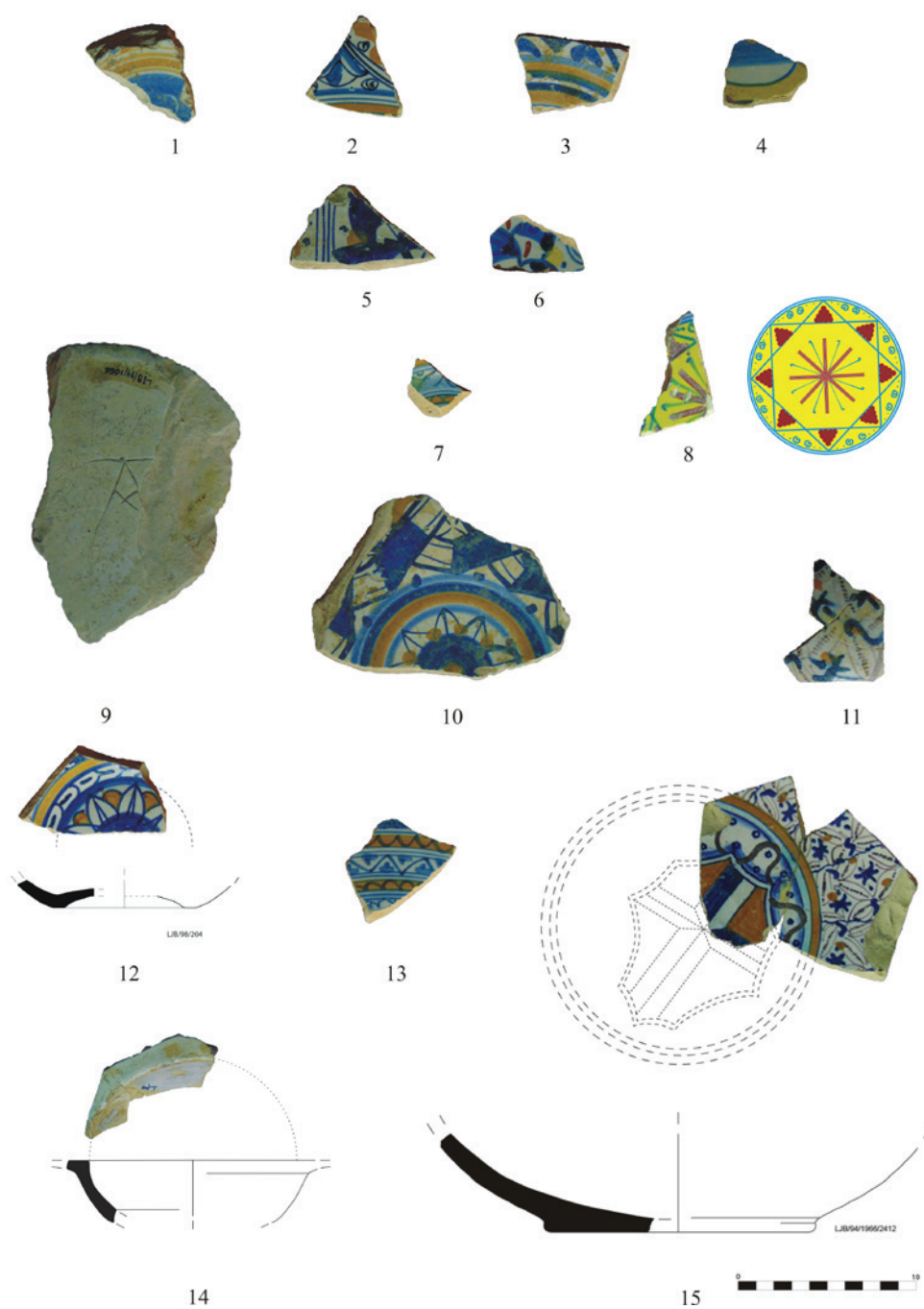
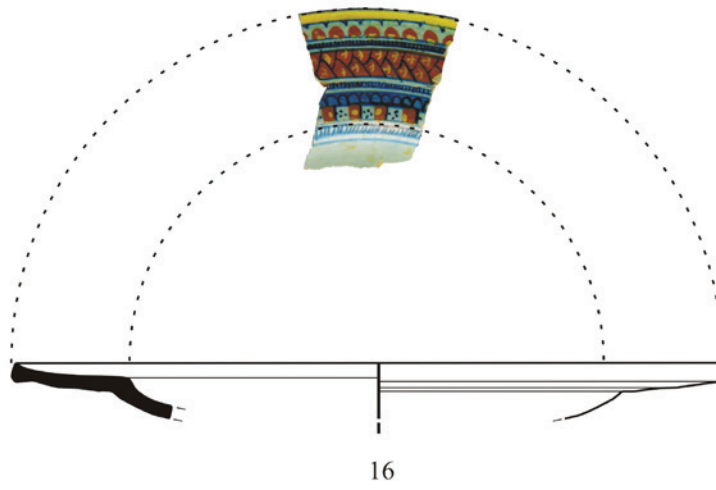


Figura 1 – Estampa 1.

ESTAMPA II
MAJÓLICA DERUTA



ESTAMPA III
CERAMICA *GRAFFITA* EMILIA ROMAGNA

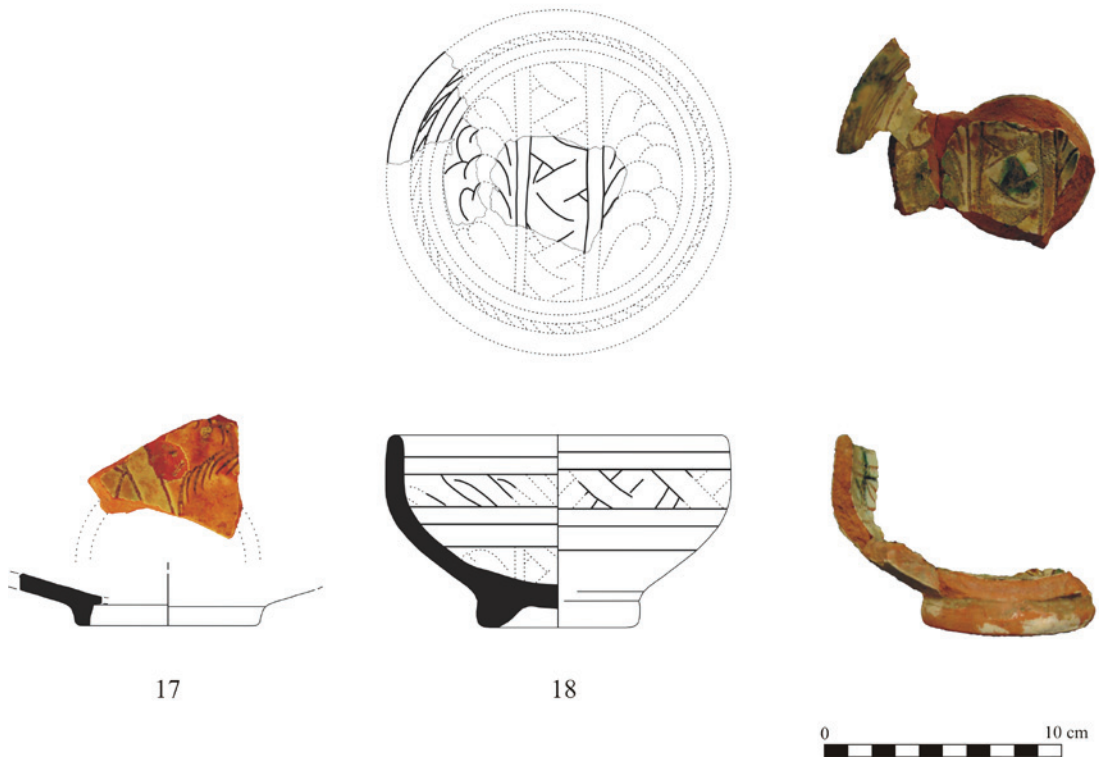
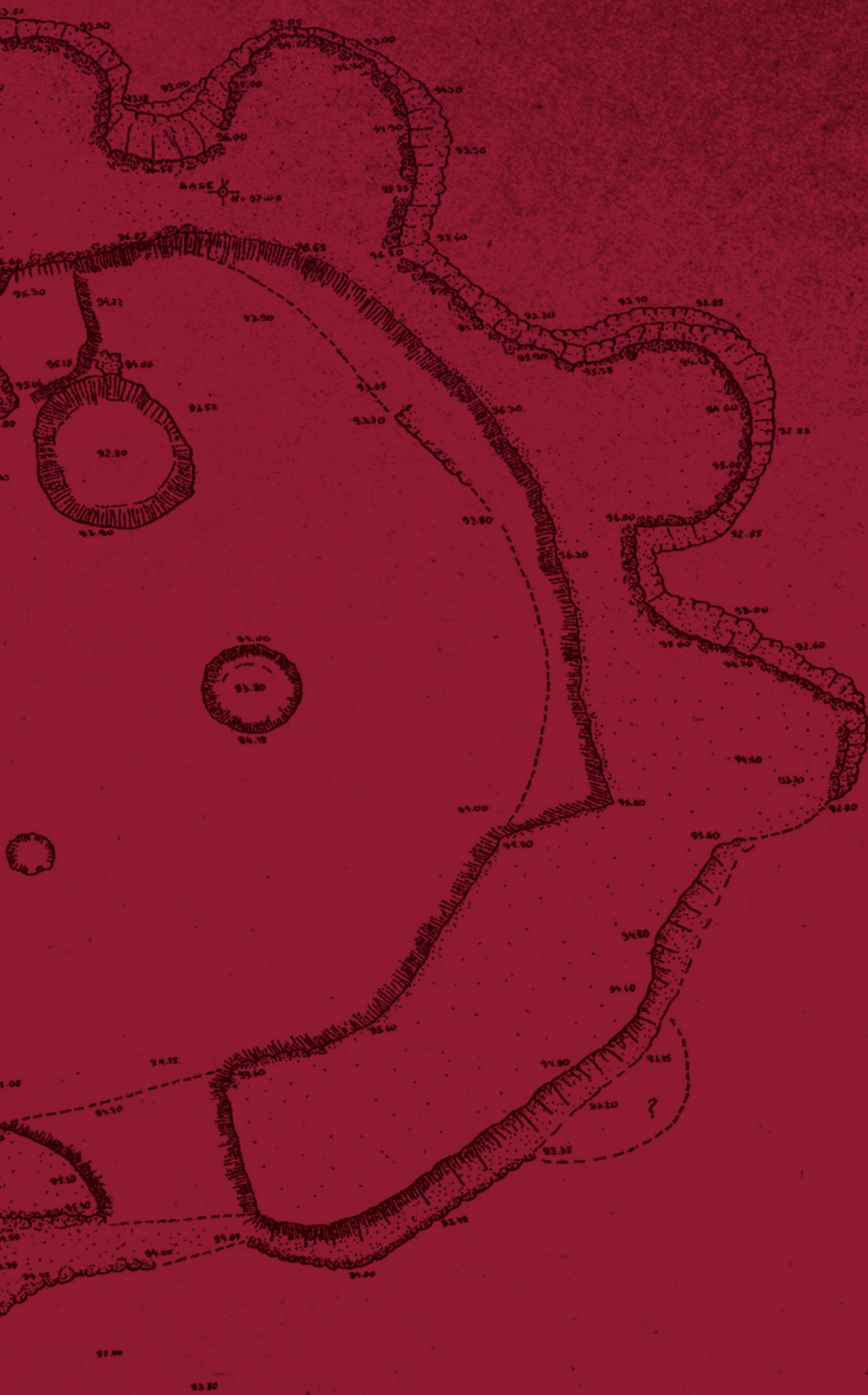


Figura 2 – Estampas 2 e 3.



Patrocinador oficial